



CONSAGRAÇÃO AO GLORIOSO SÃO JOSÉ

Irmãs Carmelitas Mensageiras
Material de apoio 2ª Fase



SÃO JOSÉ NAS SAGRADAS ESCRITURAS

Não é de se admirar que todas as gerações cristãs, compreendendo o papel excepcional desempenhado por José no mistério da Encarnação, e sabendo por outro lado que o Antigo Testamento anuncia e profetiza o Novo, se tenham dedicado a procurar na história do Povo de Deus fatos e imagens que pudessem anunciar de maneira prefigurada o pai virginal de Jesus. ✧

JOSÉ DO EGITO

Em primeiro lugar, o antigo José prefigurou nosso José em seu próprio nome. “Lembre-se”, diz São Bernardo, “do antigo patriarca que foi vendido para o Egito, e saiba que aquele homem (José) não apenas herdou o mesmo nome, como possuía, além disso, a mesma castidade, a mesma inocência e a mesma graça”. Não, ele não herdou apenas o nome, mas o sentido e a substância desse nome em uma medida cem vezes maior. “José”, na língua hebraica, significa “aumento”, “crescimento”; por isso, o pai moribundo do antigo José, ao conceder-lhe a plenitude de sua bênção, disse: “José é um filho em crescimento; um filho em crescimento”, significando com isso não apenas que seu próprio filho José cresceu em sabedoria, poder e glória, mas que cresceu aos olhos de seus irmãos e filhos, obtendo para eles ricos bens e posses na terra de Gessen. Contudo, esse duplo crescimento confirmou-se muito mais no segundo José: primeiro, por seu próprio crescimento diário na plenitude da graça e no favor divino, e depois fazendo aumentar para nós, seus filhos e irmãos, os meios de salvação, obtendo-nos de Deus um progresso contínuo de graças e benefícios com vistas à obtenção de nossa herança eterna.

Conforme o antigo José cresceu em idade, ele se tornou, dentre todos os irmãos, o mais cortês nos modos, o mais inocente e puro em sua conduta. Seu pai o amava com um afeto especial, preferindo-o a todos os demais filhos, e, como prova de seu amor, ordenou que lhe fizessem uma bela vestimenta, ricamente bordada em várias cores. O significado disso é que nosso José haveria de crescer em graça e santidade, superando a todos os anjos e santos, exceto Maria, e seria amado por Deus acima de tudo, e por Ele revestido com os hábitos das virtudes mais heroicas, para então se tornar um objeto de veneração singular e sumamente glorioso entre todos os bem-aventurados que alcançaram a glória.

Eis então, aqui, uma prefiguração expressa do segundo José, quando ele foi constituído por Deus como Chefe da Sagrada Família e Patrono da Igreja Católica. E a ele Deus disse, de maneira semelhante: “Quem devo achar mais sábio e mais adequado do que tu para presidir Minha Família e ser o Patrono e Protetor da Minha Igreja? Eis que te constituo mestre e governador da Minha casa, e todos os Meus filhos devem cumprir as tuas ordens”. Pois assim é: tal como o antigo José, segundo a palavra do santo rei Davi (cf. Sl 104,21), foi constituído pelo Faraó senhor de toda a sua casa e governante de todas as suas posses, do



mesmo modo — como nos ensina a Santa Igreja — o segundo José foi nomeado por Deus senhor de toda a Sua casa e governante de todas as Suas posses; e é ainda mais poderoso, mais rico e mais elevado, assim como a Casa de Nazaré e a Igreja Católica são mais nobres e mais sublimes do que o palácio perecível de Mênfis; e mais extenso é o seu domínio, assim como as possessões de Deus em toda a Terra superam em vastidão as do primeiro José na terra do Egito. ✦

NOÉ

Alguns personagens que se assemelham a José, sobretudo pelas suas virtudes ou pela missão que desempenharam, atraíram especialmente a atenção. Assim, alguns veem no patriarca Noé, que recebe na arca a pomba que traz no bico um ramo verde para anunciar o fim do dilúvio, a imagem de José, guardião de Maria, a pomba mística que, ao gerar Cristo, traz a salvação ao mundo (cf. Gên 8, 8-12). Da mesma forma, há quem veja no servo da família de Isaac encarregado de velar pela noiva do seu senhor (cf. Gên 24), a imagem daquele a quem foi confiada a guarda da Virgem Maria. ✦

MOISÉS

É ainda em José que pensamos ao ler vários textos relativos a Moisés, particularmente quando se diz que era o mais manso dos homens e quando é apresentado como o confidente íntimo dos desígnios secretos de Deus. Por fim, também a figura de Davi evoca aos olhos de muitos intérpretes a imagem longínqua de José: “Ele é verdadeiramente o filho de Davi”, escreve São Bernardo, “um filho que não é indigno do pai. É o filho de Davi em toda a plenitude da expressão, não tanto pela carne como pela fé, pela santidade, pela piedade. O Senhor viu nele um outro Davi, capaz de guardar seus segredos”. ✦



José haveria de crescer em graça e santidade, superando a todos os anjos e santos, exceto Maria, e seria amado por Deus acima de tudo, e por Ele revestido com os hábitos das virtudes mais heroicas, para então se tornar um objeto de veneração singular e sumamente glorioso entre todos os bem-aventurados que alcançaram a glória.



A FAMÍLIA E A PARENTELA DE JOSÉ ✦

Falemos agora da família em que José nasceu. A história de seus ancestrais é a dos reis de Judá: nenhuma raça mais antiga, nobre e gloriosa poderia ser encontrada em todo o mundo. Mas isto é dizer pouco, pois a genealogia de José é a do próprio Rei dos reis. São Mateus, como vimos, dá como genealogia de Cristo a de José, chamando-o de o livro da geração de Jesus Cristo, o filho de Davi, o filho de Abraão (Mt 1,1). A esse respeito, os Doutores da Igreja observaram que o Evangelista enumera todos os ancestrais de José não tanto para traçar a descendência de Maria e, por conseguinte, de seu Divino Filho, mas para nos fazer entender que em José foram realizadas todas as glórias de seus antepassados, suas esperanças e suas orações; que, em José, combinaram-se todas as suas virtudes, porém em muito maior plenitude e perfeição; que, com José, encerrou-se aquela linha de grandes patriarcas que eram a glória de Israel, mas aos quais José superou enormemente, com seu incomparável destino como esposo daquela que, pela operação do Poder Divino, deu Cristo à luz. Assim, se Abraão foi fiel e obediente, José era ainda mais fiel e obediente; se Isaac foi solícito e piedoso, muito mais solícito e piedoso era José; se Jacó foi sofredor e laborioso, muito mais sofredor e laborioso era José. Nosso santo era mais paciente do que Jó, mais casto do que o primeiro José, mais zeloso do que Moisés; era mais manso do que Davi, mais fervoroso do que Elias, mais confiável do que Ezequias, mais corajoso e intrépido do que Matatias.

Dentre as promessas do Messias feitas por Deus, a mais completa foi aquela feita a São José. Deus prometeu a Abraão que de seu povo nasceria o Redentor e que nele todas as nações da Terra seriam abençoadas. A Davi Deus prometeu que o Divino Salvador surgiria de sua família e herdaria seu trono para sempre. Finalmente, a José, que era da casa e linhagem de Davi e descendente de Abraão, Deus prometeu que Seu Divino Filho, que haveria de nascer de sua Virgem Esposa, iria salvar Seu povo de seus pecados (Mt 1,21). Assim, somente em José as promessas de Deus foram cumpridas; conclui-se que ele foi o último da ordem dos Patriarcas, e que nele todas as antigas promessas foram resumidas e cumpridas. Abraão, Davi e os demais as contemplaram e saudaram ao longe; José as viu de perto, confirmadas e cumpridas. A última das promessas foi feita a José, e esta acabou sendo a melhor de todas — a mais desejada, a mais plena, a mais completa. Assim, José foi o mais feliz, o mais privilegiado, o mais exaltado e o último dos patriarcas — o último no tempo, e o primeiro em dignidade.

Apenas em um único aspecto os outros patriarcas o superaram: na abundância de confortos da vida, de riquezas, de títulos, de honras. Os outros nasceram, em sua maioria, no gozo das riquezas, ou no esplendor de uma corte, ou mesmo com o cetro régio nas mãos; mas não José. José nasceu pobre, embora não fosse um mendigo, isto é, nasceu em condição humilde, porém não abjeta. Uma pequena casa e poucos bens constituíam todas as suas posses terrenas. Tinha direito ao trono de seus ancestrais, mas o poder real caiu nas mãos de procuradores gananciosos e tetrarcas estrangeiros. Não possuía, portanto, nenhum palácio real, nenhum longo cordão de asseclas; não possuía cortesãos, nem tesou



ros, nem domínios, nem tributos, nem a deferência de nações subjugadas. Por meio das vicissitudes do cativo babilônico, dos atos violentos de Antíoco, e da avidez de potentados tirânicos, o patrimônio legítimo de seus ancestrais havia sido confiscado e dissipado. Mas, se José não nasceu grande aos olhos do mundo, foi grande diante de Deus pela abundância de graças com que Ele liberalmente o dotou e enriqueceu, acima de todos os reis e patriarcas. Jesus, que veio ao mundo para condenar o luxo, o orgulho e o desejo insaciável de autoexaltação, preparava para Si um pai, ainda que apenas adotivo. Por um lado, esse pai vinha de sangue real, de modo a que os grandes da Terra não sofressem ofensa; por outro, era humilde, pobre e modesto, para que pudesse erguer o miserável de sua condição abjeta e assim cumprir o grande desígnio de Sua missão divina. A partir do pobre mas santíssimo José, Jesus desejava formar, por assim dizer, um tipo, um exemplo perfeito de cada virtude cristã, a ser proposto mais tarde como modelo para todos os fiéis, a fim de que estes imitassem sua piedade, religiosidade, paciência, obediência, submissão à vontade divina, caridade fraterna, bem como sua incansável atividade no cumprimento dos deveres e no exercício de todas as virtudes pessoais e domésticas. Deus estava preparando em José um verdadeiro amigo, um protetor e um patrono para aqueles ignorantes homens do povo que tantas vezes se tornam a presa e o passatempo de ardilosos agitadores. Jesus escolheu José pobre, como posteriormente escolheu Seus apóstolos entre os pobres, para que o mundo compreendesse que Ele veio converter toda a Terra não pelo ouro ou pela força, não pela pompa do poder secular, mas pela humildade do Evangelho, pela pobreza da Cruz e pela admirável virtude do Seu exemplo, da Sua palavra e dos prodígios que realizou, a fim de que a missão e a origem divinas da Sua Igreja se manifestassem ainda mais.

Tendo visto como José descendia de Abraão e dos reis de Judá e como, em particular, provinha da casa e da família do rei Davi, falaremos agora de seus próprios pais. Conforme já observamos, o nome de seu pai é declarado expressamente pelo Evangelista São Mateus, que, ao encerrar sua genealogia, diz: Matã gerou Jacó, e Jacó gerou José, marido de Maria, de quem nasceu Jesus, que é chamado o Cristo (Mt 1,15-16). Sobre este ponto, portanto, não deveria haver qualquer dúvida. Já consideramos a dificuldade sugerida pelo texto de São Lucas. Heli — e eis aí o motivo mais forte para crê-lo — é o próprio Joaquim, pai de Maria, que se tornou, portanto, sogro ou pai legal de José, seu pai por afinidade — a quem, como sua abençoada esposa, ele chamaria por esse nome. Logo, devemos muito a São Lucas, que, sem se afastar do costume dos hebreus, deu-nos na realidade a genealogia direta de Maria. E esta opinião adquire maior valor se admitirmos — e não temos razão para não fazê-lo — que Menochio, Bento XIII e outros doutores acertam ao afirmar que Santa Ana, mãe de Nossa Senhora e esposa de Joaquim, era irmã de Jacó, o pai de José; de onde se seguiria que José e Maria eram primos em primeiro grau, e que Maria, como também seu Divino Filho, descendia de Davi pela dupla linhagem de Salomão e Natã — de Natã pelo lado paterno e de Salomão pelo lado materno.

Todavia, embora saibamos com certeza, pela própria Sagrada Escritura, os nomes tanto do pai verdadeiro quanto do pai adotivo de José, ela não dá nenhuma notícia de sua mãe. A tradição manteve-se igualmente silenciosa sobre o assunto; no entanto, somos levados a conceber que ela deve ter sido uma mulher de virtude singular, já que foi escolhida por Deus para ser a mãe de um santo tão privilegiado como São José, o homem destinado à



tão excelsa dignidade de Pai terreno do Filho Eterno. A Escritura e a tradição são igualmente silenciosas acerca de quaisquer sinais sobrenaturais terem precedido seu nascimento, que prognosticassem, como no caso de João Batista, a elevada missão a ele designada, ou, como na Antiga Lei, que anunciassem o surgimento de um grande libertador. Mesmo que isso fosse concedido aos pais de Deus, aprouve-lhe, como tudo o mais que diz respeito ao humilde José, velá-lo na obscuridade. Uma das razões talvez fosse que sua missão, apesar de extraordinariamente grandiosa, não deveria ter caráter público. José não veio para se pronunciar ao mundo e, de fato, não possuímos o registro de uma única sílaba saída de seus lábios. Seja como for, ficamos apenas com nossa imaginação devota quanto ao caráter e mesmo ao nome da ditosa mãe de nosso glorioso santo.

Mas quando ele viu a luz do dia pela primeira vez? Qual foi a data de seu nascimento? Qual foi o ano, o mês, o dia? Ainda que ignorássemos as dificuldades a respeito da datação exata do Natal e aceitássemos a opinião comum do erudito Natalis Alexandre segundo a qual Jesus nasceu no ano 4.000 da criação do mundo, ainda assim restaria uma incerteza quanto ao ano do nascimento de São José a menos que possuíssemos algum registro seguro de sua idade na época do casamento com a Santíssima Virgem. Quanto ao mês, como em toda a Igreja o mês de março é dedicado à sua honra, e aliás é normalmente chamado de Mês de São José, alguns dizem que ele nasceu neste mês e alegam que, nos martirologios mais antigos, o dia 19 de março, o qual consideramos sua festa, é tomado como o dia do seu nascimento. Ao mesmo tempo, particularmente os cristãos do Oriente coptas e os sírios, comemoram, a morte gloriosa do santo no dia 20 de julho. Segundo nos conta Isolano, em sua Síntese dos Dons de São José, os cristãos orientais costumavam celebrar essa festa com grande veneração; assim, o dia 19 de março seria mantido apenas como o dia de seu nascimento. A mesma opinião tem sido sustentada em tempos mais recentes, no entanto, as razões apresentadas parecem insuficientes para estabelecer esse ponto, pois a Igreja sempre teve o hábito de considerar o dia em que um santo deixa esta vida como seu dia natalício, pois é então que ele nasce para a glória, e quando deseja que a festa celebre seu nascimento neste mundo, usa-se expressamente o termo "natividade", como no caso da Santíssima Virgem e de São João Batista. Ademais, existe a hipótese de os orientais, nesse seu costume, estarem confundindo entre o nosso patriarca, que no Evangelho de São Mateus é caracterizado como "justo" (cf. Mt 1,19), e outro São José que também tinha o cognome de Justo e que, junto com São Matias, foi proposto pelos Apóstolos como sucessor de Judas, o traidor, com a sorte recaindo sobre Matias (cf. At 1,23). Ora, o martírio deste São José, ou Barsabás, denominado Justo, aparece no martirologio romano no dia 20 de julho, com as seguintes palavras: "O dia natalício de São José, apelidado Justo". Portanto, parece mais provável, e mais em conformidade com a tradição da Igreja, que seja a boa morte de São José e sua passagem para a glória eterna o que comemoramos no dia 19 de março. Mas, como a Igreja celebra outra festa em sua honra, a do seu Patronato, no terceiro domingo após a Páscoa, pode-se estimar que, nesta festa, inclua-se a celebração de seu nascimento, talvez ocorrido na mesma época do ano; pois, nas primeiras Vésperas, a Santa Igreja inicia suas orações e cânticos com as seguintes palavras: "Jacó gerou José, o marido de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo". E então passa felicitar São José por haver sido constituído senhor da casa de Deus e governante de todas as Suas posses, assim como, na Natividade de Maria, a Igreja diz: "Hoje nasce a Abençoada Virgem Maria, da raça de



Davi, por meio da qual a Salvação do Mundo apareceu aos que creem".

Quanto ao dia da semana em que José nasceu, nada temos para nos guiar, a não ser a piedade dos fiéis, que por consenso comum, e com a aprovação da Igreja, tem dedicado todas as quartas-feiras do ano a São José. Os Romanos Pontífices, ademais, enriqueceram com indulgências a devota prática de honrá-lo especialmente nesse dia. Podemos portanto, acreditar piedosamente que foi na quarta-feira que nosso grande patrono nasceu ou morreu.

Quatro cidades da Judeia e da Galileia disputaram a honra de ser o local de nascimento desse grande santo: Jerusalém, Cafarnaum, Nazaré e Belém. Alega-se, a favor das reivindicações de Jerusalém, que seus ancestrais da casa de Davi moraram na colina de Sião, a cidade do Grande Rei, e, mesmo em seus tempos de má fortuna, continuaram a fazer dela local de refúgio. De modo que teria sido aqui que José nasceu, e não apenas José, mas a própria Maria, fazendo da casa em que São Joaquim e Santa Ana habitavam um local de interesse para peregrinos e viajantes. São João Damasceno confirma esta opinião, dizendo que a Santíssima Virgem nasceu na casa de Joaquim perto da Piscina Probática. No entanto, Jerusalém não conseguiu incorporar o título de terra natal de José ou Maria.

As pretensões de Cafarnaum, às margens do Lago de Tiberíades, baseavam-se, segundo Calmet, na familiaridade que, como nos informa o Evangelho de São João, os habitantes afirmavam ter com José, o reputado pai de Jesus. Porventura, diziam, não é este aquele Jesus, filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz ele: "Desci do céu"? (Jo 6,42). Porém, não é forçoso que, pelo fato de Cafarnaum conhecer bem a José, ele tenha nascido ali. José pode ter convivido frequentemente com aquele povo como o fez o próprio Jesus, o qual, como sabemos, não nasceu ali. "Belém", diz São João Crisóstomo, "deu a Jesus Seu lugar de nascimento; Nazaré o criou; e Cafarnaum foi Sua permanente morada".

Em favor de Nazaré, as probabilidades aumentam. São Lucas, em seu Evangelho, diz que, após a fuga para o Egito, José, Maria e Jesus voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré (Lc 2,39; cf. Mt 2,23); e São João relata como Filipe, tendo visto a Jesus, disse a Natanael: Encontramos aquele de quem escreveram Moisés na lei e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José (Jo 1,45). Mas, no que diz respeito ao primeiro trecho, parece que Nazaré era mais a terra natal de Maria do que de José, e, se também era chamada de sua cidade, em verdade servia-lhe apenas como local de domicílio, onde estabelecera morada fixa após casar-se com Maria. Do trecho de São João, também fica claro que não se pode tirar nenhuma outra conclusão. Sabemos bem que Nosso Senhor nasceu em Belém, e no entanto Ele é chamado "Jesus de Nazaré", maneira pela qual continuou a ser denominado, o que se aplica também a São José. Nazaré foi, de fato, o local de nascimento da Santíssima Virgem, e só depois tornou-se a morada permanente da Sagrada Família; por isso, diz-se que Jesus, assim como José, era de Nazaré, embora este não fosse o local de nascimento de nenhum dos dois.

Nesta ferrenha disputa, Belém deve erguer o troféu, pelas razões a seguir. Dizem que os descendentes de Davi, por meio de Salomão, continuaram a morar em Belém, onde



Davi nasceu, e após o cativeiro da Babilônia voltaram para lá, onde ficava a casa de Jessé, seu pai, sendo as cisternas do local ainda tradicionalmente referenciadas. Por isso os Santos Padres chamavam a José de belemita, significando não apenas que ele pertencia à casa e à família de Davi, mas que ali também havia nascido. Além disso, Isolano reconta uma antiga lenda oriental, em que se diz expressamente que José, era carpinteiro nascido em Belém e da casa de Davi.

Porém, a razão mais substancial e conclusiva é a seguinte: que, no censo ordenado por César Augusto, todos deveriam ser registrados em sua própria terra natal, e José, diligente em sua obediência a todas as leis, inclusive às humanas (desde que não se opusessem à lei divina), partiu imediatamente com sua santa esposa Maria, não para Jerusalém ou Cafarnaum, mas para Belém. Ali Cristo haveria de nascer, e desde pequeno tornar-se grande, porque, como o Profeta Miquelas predissera, dali deveria sair Aquele que seria o governante de Israel (cf. Mq 5,2). Contudo, antes de ser honrado como o local em que o Messias, o Senhor do Universo, veio à luz, aquele também deveria ser o local de nascimento de Seu reputado pai, constituído por Deus para ser o protetor e patrono da Igreja Universal.

Dirijamo-nos em espírito à morada de Jacó e curvemo-nos diante do berço dessa abençoada criança, em cuja fronte serena repousam as graças mais seletas do Céu. Curve-mo-nos diante dele e o veneremos, e apresentemos--lhe o afeto devoto de nosso coração. Ele já é para nós a nossa estrela, a nossa esperança, e será nosso guia, escudo, defesa e anjo tutelar. Ofereçamos-lhe as nossas felicitações e, beijando-lhe os pés, bendigamos ao nosso compassivo Deus por ter sido do seu agrado ceder à família humana, à Igreja Católica o mais doce, santíssimo e poderosíssimo patrono.



Em José foram realizadas todas as glórias de seus antepassados, suas esperanças e suas orações; que, em José, combinaram-se todas as suas virtudes, porém em muito maior plenitude e perfeição; que, com José, encerrou-se aquela linha de grandes patriarcas que eram a glória de Israel, mas aos quais José superou enormemente, com seu incomparável destino como esposo daquela que, pela operação do Poder Divino, deu Cristo à luz.



Uma Missão Divina



Se a Virgem-Mãe precisava de um esposo para salvaguardar a sua honra, precisava dele também para alimentar o Menino que havia de nascer. Afirmção assombrosa, se pensarmos que esse Menino era o Verbo de Deus, Aquele que alimenta todas as criaturas e de quem todos os seres recebem a vida, a subsistência e o crescimento. Ou seja, os papéis estavam a ponto de inverter-se, e a criatura seria chamada a proteger e alimentar o seu Criador. Aquele cuja Providência se estende à Criação inteira viria pedir a uma criatura humana que o ajudasse, porque devia nascer como as outras crianças, nu, débil e fraco, incapaz de prover por si mesmo às mais imperiosas necessidades da natureza humana e de exprimi-las de outro modo que não fossem uns sons inarticulados e umas lágrimas. Mas, assim como Ele coloca junto dos berços até dos mais humildes um pai e uma mãe, quis ter junto do seu berço, não somente uma Mãe, mas um homem a quem daria um verdadeiro coração de pai e que teria por missão alimentá-lo, cuidar d'Ele e vesti-lo.

E o Verbo Eterno encarnado também precisaria de um protetor no meio das provações, das dificuldades e das hostilidades que havia de encontrar, porque também neste aspecto o seu Pai Celeste o deixaria desamparado. Não teria soldados nem legiões angélicas ao seu serviço e, enquanto não fosse suficientemente forte para proteger-se a si mesmo, a sua fraqueza infantil exigiria a assistência de uns braços paternos, cuja força o abrigasse na hora do perigo. E essa tarefa seria confiada a José.

José foi o fruto desse grandioso desígnio de Deus. Estava predestinado, no pensamento divino, para dar um lar ao Menino que havia de nascer e à sua Mãe, a fim de que Mãe e Filho pudessem desfrutar de uma situação normal aos olhos dos homens: ele seria o guardião que rodearia de silêncio, de candura, de segurança e de respeito a inocência de Maria e a fraqueza do Menino.



Graças a José, a honra de ambos estaria ao abrigo de qualquer suspeita; se algum dia alguém quisesse duvidar dela, seria ele a testemunha mais autorizada, insuspeita, para atestar a sua integridade. Enquanto a identidade do Menino não fosse desvendada, ele guardaria o segredo da Encarnação virginal pela sua presença silenciosa e santa. Se os Apóstolos haveriam de receber mais tarde a missão de manifestar ao mundo o mistério do Filho de Deus feito homem, ele, provisoriamente, deveria dissimulá-lo e mantê-lo oculto aos olhos dos homens.

Por outro lado, se por desígnio de Deus estava indicado para permanecer junto da Virgem escolhida pelo Senhor e do seu Filho, a fim de cuidar deles e conduzi-los nos dias de provações e perseguições pelos caminhos do exílio, também devia ganhar-lhes o pão com o suor do seu rosto, enquanto o Menino não crescesse e pudesse ser iniciado por ele na laboriosa profissão que exerceria durante longos anos.

Como é admirável a grandeza da tarefa confiada a José! Dar um lar Àquele que criou o Universo, alimentar a Providência que proporciona alimento a todos os seres, vestir Aquele que veste os lírios do campo com vestes mais belas que as de Salomão, exercer o cargo e os deveres da paternidade em relação Àquele a quem todos os homens chamam "Pai nosso que estais no céu".

Mas, por mais sublime que fosse a missão que Deus confiou a José, pediu-lhe em primeiro lugar que renunciasse a si mesmo. Sempre que Deus chama alguém, as suas exigências implicam para a pessoa chamada a obrigação de esvaziar-se moralmente de si, de modo a não buscar nada senão o cumprimento da Vontade divina. E a alma de José devia estar mais disposta do que qualquer outra a despojar-se de tudo, a praticar a abnegação até o fim. Foi por isso que Deus, tendo-o escolhido desde toda a eternidade, o modelou espiritualmente para que estivesse à altura da sua missão. Ao ver José atravessar as ruas de Nazaré, com uma viga às costas a caminho do trabalho, quem poderia imaginar o incomparável destino que aguardava esse humilde artesão de aldeia, sem o qual teria sido impossível que se cumprisse o mistério da Encarnação, tal como Deus o tinha decretado? ✨

Se, em parte alguma, a Sagrada Escritura fala expressamente da castidade de José antes de seu casamento com Maria, podemos muito bem inferi-la pelo próprio fato deste casamento. Julgamos a natureza de uma árvore pelos frutos que produz; saber, então, que José foi esposo de uma virgem e de uma Virgem Mãe como Maria, bastou para persuadir o grande corpo dos Padres a sustentar com segurança que José era virgem por livre escolha antes de ser escolhido como esposo de Maria.

Alguns poucos, é verdade — confiando demais nas declarações infundadas de alguns dos livros apócrifos, os quais afirmavam que aqueles chamados no Evangelho de irmãos e irmãs de Jesus eram de fato filhos de um casamento anterior de São José — foram levados a negar-lhe o dom e a glória da virgindade perpétua.



Porém, a grande maioria, e os de maior autoridade, reconheceram livremente essa graça entre as demais que enriqueceram e adornaram o esposo da Santíssima Virgem. Na verdade, já no século IV, Santo Atanásio disse estas breves, mas densas, palavras a respeito de José e Maria: "ambos permaneceram intactos, como foi provado por muitos testemunhos" ; e, depois deste santo, São Jerônimo defendendo a virgindade perpétua de Maria contra o herege Helvídio, sustentou que não apenas Maria, como seu esposo José sempre foi virgem, de modo que, deste casamento virginal, um Filho virginal deveria nascer. Daí São Pedro Damiano afirmar, em carta ao Papa Nicolau, e também em sua obra sobre o celibato sacerdotal, que tal era a fé da Igreja a esse respeito, pois o Filho de Deus, não contente em ter uma virgem por Mãe, desejou que aquele que representava Seu Pai também o fosse; e faremos bem em observar que este grande doutor não hesita em qualificar tal crença como a "fé da Igreja".

O Doutor Angélico, Santo Tomás, indagando como a Santíssima Virgem poderia dar a sua mão a São José, considerando que havia feito voto de virgindade, responde que ela, antes de contrair matrimônio com o santo, foi certificada por Deus de que o próprio José havia tomado a mesma resolução de preservar a virgindade perpétua e, portanto, de que não se exporia a nenhum perigo ao unir-se a ele. Ademais, encontramos São Francisco de Sales, um fiel muito devoto de São José, sustentando vigorosamente o voto e a virgindade do pai de Cristo "Quão sublime nesta virtude da virgindade deve ter sido aquele destinado pelo Pai Eterno a ser o guardião, ou melhor, o companheiro na virgindade da própria Maria! Ambos haviam feito juramento de preservar a virgindade por toda a vida; e era a vontade de Deus uni-los no vínculo de um casamento sagrado — de modo algum para anular-lhes o voto, e sim confirmá-lo, e para que pudessem fortalecer-se mutuamente em ordem à preservação de sua santa resolução". ✨

E não são os anjos, a quem está confiado o cuidado do mundo e a tutela dos homens, eminentemente virgens? Não deveria José, então, a quem foi confiado o cuidado e a custódia de Jesus e Maria, exceder em muito os próprios anjos na virgindade? "E, com efeito", diz Isolano, "a virgindade de José era mais nobre, mais aceitável, mais proveitosa, mais admirável e mais perfeita que a dos anjos. Mais nobre, porque a dos anjos advém da natureza, ao passo que a de José, da graça; mais aceitável, porque a dos anjos é necessária, a de José é voluntária; mais proveitosa, porque a dos anjos não é meritória, enquanto a de José teve alto mérito aos olhos de Deus; mais admirável, porque a dos anjos é de natureza impassível, a de José era na carne passível e mortal; mais perfeita, porque a dos anjos está apenas no espírito, a de José estava na alma e no corpo. Donde, com justiça, escreve Lápide sobre José que, em relação a essa virtude, ele pode ser chamado de anjo em vez de homem". ✨



Um casamento santo



Acreditar no que afirmam alguns escritos Apócrifos, José raiaria pelos confins da velhice ao desposar Maria; Santo Epifânio, influenciado talvez por esses escritos, não hesita em afirmar que tinha mais de oitenta anos. Aparentemente, o que leva esses autores a atribuir-lhe uma idade tão avançada é a preocupação que têm de afirmar mais cabalmente a virgindade de Maria. Mas que argumento detestável, que suposição injuriosa para José, atribuir a sua continência à senilidade!

Temos de afirmar claramente que os costumes da época, tal como os de hoje, se teriam oposto com toda a justiça a uma união tão desarmônica. O casamento de um velho com uma adolescente teria parecido, então como hoje, uma profanação. Aliás, o simples bom-senso exige que José estivesse na força da idade, por um lado para que a opinião popular pudesse atribuir-lhe o nascimento do Menino-Deus, e, por outro, para que pudesse cumprir a missão de protetor e provedor que Deus lhe tinha confiado. Mais ainda, o costume exigia que um israelita se casasse aos dezoito anos.

Entre os judeus, as tratativas que precediam os esponsais assemelhavam-se à negociação de uma espécie de contrato de compra e venda entre os pais dos jovens. Discussões intermináveis cuidavam de precisar com toda a minúcia a contribuição recíproca dos dois esposos. Embora os esponsais de Maria e de José não tenham podido escapar a esse costume, devem ter sido bastante penosos para os dois.

Nenhum documento nos diz em que lugar se celebraram as cerimônias. Talvez fosse em Jerusalém, talvez em Nazaré. Seja como for, todos os parentes foram convidados, e José e Maria, que não gostavam de singularizar-se, não procuraram subtrair-se às formalidades obrigatórias. Mais ainda, submeteram-se a elas com o maior respeito, pois todo o cerimonial datava do tempo dos Patriarcas.



Conforme o costume, José vestia uma longa túnica sobre a qual envergava um pesado manto. Maria estendeu-lhe a mão, não a mão fina e delicada que lhe emprestaram os pintores da Renascença, mas a mão de uma boa dona de casa, habituada a lavar, remendar e amassar o pão. José pôs-lhe no dedo um anel de ouro — símbolo de aliança e de posse —, enquanto lhe dizia: "Este é o anel pelo qual tu te unes a mim diante de Deus, segundo o rito de Moisés". A seguir, entregou-lhe a ata escrita do contrato, bem como o denário de prata que representava o seu dote. Jamais uma noiva trouxe ao seu noivo, ao estender-lhe a mão diante do altar, uma felicidade semelhante à que nesse momento tomou conta do coração de José.

Daí em diante, pertenciam irrevogavelmente um ao outro, pois entre os hebreus os sponsais não eram uma simples promessa de casamento; tinham praticamente o mesmo valor que o casamento. Tanto no Deuteronômio como no Evangelho, a prometida é designada como "esposa" do noivo, porque realmente o é. Se cometesse uma infidelidade, devia sofrer a pena das adúlteras e ser lapidada; se o noivo morresse, devia ser considerada viúva; e só podia ser repudiada se se observassem as mesmas formalidades exigidas para repudiar a esposa legítima. Contudo, a coabitação era geralmente adiada durante um certo período de tempo, que podia chegar a um ano. Era necessário, diziam os rabinos, dar tempo à esposa para preparar o enxoval e ao esposo para cumprir as cláusulas onerosas do contrato.

Mas os desposados encontravam-se com muita frequência e os seus direitos recíprocos eram idênticos aos das pessoas casadas. A "noiva" podia conceber do seu futuro marido sem incorrer em qualquer censura. Portanto, as intermináveis controvérsias relativas à situação de Maria após a concepção do Verbo Encarnado, afirmando uns que era apenas noiva e outros que era realmente esposa de José, parecem-nos simples e inúteis querelas de palavras.

Depois dos sponsais, José e Maria separaram-se, portanto, e voltaram cada um para sua casa, à espera da cerimônia definitiva do casamento. Mas, como tinham trocado diante de Deus promessas que não se repetem mais, eram marido e mulher até o fim da vida e para a eternidade. É verdade que, no caso deles, uma cláusula secreta estabelecida de comum acordo excluía um dos fins essenciais da união conjugal, pois tinham renunciado ao direito recíproco sobre o corpo do outro cônjuge mediante a decisão de permanecerem virgens; nem por isso, porém, era menos verdadeira a aliança que acabavam de contrair, pois a essência do casamento, diz-nos São Tomás, consiste "numa união indissolúvel das almas em virtude da qual os esposos se obrigam a guardar mutuamente uma fidelidade inviolável".

Ambos ofereceram a sua virgindade a Deus como um dom que sabiam ser-lhe agradável. Mas estavam longe de imaginar as consequências: não previam que, renunciando a gerar filhos segundo a natureza, se estavam preparando para receber o mais sublime dos favores divinos. Não sabiam que a sua união virginal, que era obra de Deus, estava ordenada por Ele para a vinda do Messias ao mundo. A virgindade de Maria era necessária à Encarnação do Verbo, como nos diz Bossuet: "Assim como Deus produziu o seu Filho na



eternidade graças a uma geração virginal, assim também, quando Este nascesse no tempo, precisaria de uma Mãe-virgem". E a virgindade de José não era menos indispensável, pois era necessário salva-guardar a de Maria.

Eram, pois, duas almas virgens que se prometiam mútua fidelidade, uma fidelidade que consistiria em guardarem mutuamente a virgindade. Pareciam estar agindo de maneira completamente contrária à que seria de esperar se desejassem contribuir para apressar a hora da vinda do Messias: tinham renunciado à honra de verem, um dia, um berço na sua casa. Mas foi precisamente graças ao valor e ao mérito dessa renúncia que mereceram que Deus em pessoa viesse deitar um Menino no berço daquele lar virginal, um Menino que seria o seu próprio Filho. Sem o saberem, Maria e José tinham acabado de assinar o contrato e de pronunciar a promessa que os preparavam para a missão excepcionalmente grandiosa de que Deus iria incumbi-los. ✨

A ESCOLHA

Existe um acordo geral entre os Padres e Doutores da Igreja de que José foi apontado como o esposo de Maria por um sinal maravilhoso do Céu. Santo Epifânio, a quem acabamos de fazer menção, diz que ele foi escolhido por sorteio. Ora, o sorteio, tal como realizado nessas ocasiões, e acompanhado de oração, chegou mesmo a ser considerado pelos judeus como equivalente a uma declaração divina, como podemos ver, por exemplo, na escolha de um apóstolo para ocupar o lugar de Judas (cf. At 1,26). São Gregório Nazianzeno também diz que os sacerdotes escolheram José como esposo e guardião de Maria por um sorteio presidido pelo Espírito Santo. Da mesma maneira, o Patriarca de Constantinopla, São Germano, diz que, por um sinal de Deus e pelo conselho dos sacerdotes, lançou-se a sorte sobre a Virgem. Todos se referem da mesma forma sobre esse ponto, mas nenhum deles explica de que maneira a sorte foi lançada, ou de que maneira o Espírito Santo manifestou Sua decisão. Uma tradição muito antiga, porém, apoiada por alguns Padres e por muitos autores sagrados, e apoiada também na crença popular, informa-nos que o sumo sacerdote — divinamente inspirado — retomou a prova a que Moisés recorreu quando estava em questão o sumo sacerdócio de Aarão, em que Deus respondeu a Moisés: A vara daquele que eu escolher dentre eles florescerá (Nm 17,5). Todos os homens solteiros da raça de Davi, entre os quais se encontrava José, foram convocados a comparecer; o sumo sacerdote ordenou que cada um deles trouxesse uma vara com seu nome inscrito nela, e qualquer daquelas varas que no dia seguinte tivesse florescido indicaria, não importa quem fosse, aquele que deveria se tornar o esposo de Maria. E assim se fez; na manhã seguinte, enquanto as varas de todos os demais permaneceram secas e infrutíferas, a de José brotou e floresceu, produzindo folhas e lindas flores. Ao mesmo tempo, uma pomba branca foi vista descendo e pousando sobre ela. Os demais pretendentes estavam todos cheios de tristeza e decepção, e um deles em particular, diz-se, um jovem nobre dono de rico patrimônio, vendo suas esperanças frustradas, quebrou sua vara e, recusando-se a dar sua afeição a outra mulher senão Maria, retirou-se para uma gruta no Monte Carmelo, onde, entre os discípulos de Elias, alcançou grande santidade e construiu uma capela em honra à Santíssima Virgem.



José, portanto, tem todo o direito de não se ver despojado de sua vara florida, sinal e testemunho de sua eleição miraculosa como esposo de Maria.

Muitos, de fato, viram aí o cumprimento literal, em forma de símbolo, daquela profecia de Isaías: Sairá uma vara do tronco de Jessé, e um rebento brotará da tua raiz (Is 11,1).



Não é fácil conceber qual teria sido o sentimento do humilde José ao ver-se divinamente escolhido, em detrimento de todos aqueles outros jovens de pretensões mundanas tão mais ambiciosas, e por uma honra da qual ele mesmo se julgava indigno. Precisamos ser humildes como ele para podermos imaginar quão envergonhado e confundido teria ficado diante da assembleia. Ao mesmo tempo, estejamos certos de que em seu coração nosso santo dirigiu fervorosos agradecimentos a Deus; sabia que, se fosse chamado a abraçar o estado matrimonial, ao desposar Maria sua promessa de manter a virgindade estaria segura. Temos a autoridade de uma grande santa para crer nisso, a de Santa Brígida, a quem Nossa Senhora disse: "Podes estar certa de que, antes de desposar-me, José já sabia, por inspiração do Espírito Santo, que eu fizera um voto de virgindade". Santo Tomás, também, indagando-se como Maria teria consentido em casar-se com José, uma vez que fizera voto de virgindade, assim responde à sua própria pergunta: "A Santíssima Virgem, antes de contrair matrimônio com José, recebeu a garantia de Deus de que o santo tomara uma resolução semelhante à dela e que, portanto, ela não se expunha ao risco ao desposá-lo". Dissemos que este casamento, tendo sido decretado no Céu, também deveria receber a mais alta sanção terrestre pela decisão dos chefes da Igreja Judaica. Ele requeria agora o consentimento de Maria, e o consentimento é essencial no contrato de matrimônio. A Santíssima Virgem Maria, como se observou, estava convicta em submeter-se à vontade de Deus em tudo o que lhe dissesse respeito, mas isso não nos deve levar a pensar que se tratasse de uma submissão simplesmente cega e passiva. Foi um consentimento livre, um consentimento arrazoado. Mesmo quando um arcanjo foi enviado do Céu para anunciar-lhe a Encarnação do Verbo, nós a encontramos num primeiro momento ponderando com angústia sobre o significado da saudação de Gabriel, e até mesmo dirigindo-lhe uma pergunta a fim de sanar uma dúvida e apaziguar a mente: Quomodo fiei istud? [Como se fará isso?] (Lc 1,34), indagou a Santíssima Virgem, antes de resignar-se e enunciar o célebre Fiat mihi [Faça-se em mim] (v. 38). Se então, como não há dúvidas, ela deu seu consentimento para casar-se com José, podemos ter certeza de que não foi sem uma deliberação madura e um exame das obrigações matrimoniais que estava prestes a assumir. Como disse um erudito doutor de nossos dias, nenhuma alma devota jamais abraçou a profissão de vida religiosa com tão consumada prudência, ou examinou e refletiu sobre sua vocação com tal diligência, como o fez Maria ao contrair esse casamento.



Devemos lembrar que, embora Nossa Senhora contasse apenas quatorze anos de vida na época de seu casamento, tinha uma mente totalmente iluminada. A prudência nela não teve de aguardar os anos maduros, e desde a mais tenra infância Deus infundiu-lhe todo o conhecimento que normalmente se adquire pelo estudo ou experiência. Nossa Senhora, portanto, compreendia perfeitamente que não devia comprometer-se com a orientação de quem não fosse dotado de consumada prudência, pois sabia que a cabeça da mulher é o homem, e Deus, que libertara esta Virgem soberana do poder do pecado e do Inferno, não a emancipara da obediência a essa lei. Seria-lhe repreensível confiar-se ao comando de qualquer pessoa que não fosse maximamente discreta e fiel, ou confiar sua pureza a um cônjuge que não fosse tão puro quanto os espíritos celestiais, ou tomar qualquer homem, cujo padrão de moralidade não fosse da mais alta virtude, como companheiro íntimo de sua vida. Ela sabia, em suma, que, ao tomar um esposo, tomaria um superior, um confiante de seus pensamentos, um depositário de seus segredos, uma testemunha de seus atos. Tal homem devia, portanto, ser o mais prudente, fiel e casto, em resumo, o mais santo. Sabia também que gozava de liberdade perfeita em relação ao seu consentimento. Os sacerdotes e doutores propunham-lhe um esposo, mas não podiam ordenar que o aceitasse. Não lhes cabia fazer isso. Só Deus pode ordenar a uma donzela que escolha um determinado cônjuge em detrimento de todos os demais. Do mesmo modo, é improvável que os parentes da Virgem tenham exercido qualquer influência sobre sua escolha. Os parentes geralmente pensam muito em interesses temporais, e José era apenas um pobre artesão. Logo, o consentimento desta Senhora soberana em tomar José por esposo deve ser considerado como o resultado de seu próprio livre-arbítrio. Vejamos, então, tudo o que está implícito aí.

Ora, como a Santíssima Virgem tinha mais sabedoria do que todos os homens e anjos, e como sua virtude superava a de todas as criaturas, qualquer honra e estima que nutrisse por alguém equivaleriam a um louvor mais sublime do que o elogio conjunto que a humanidade inteira somada a todas as hostes angélicas poderiam proferir. Sendo isso pressuposto, imaginemos José e Maria no Templo de Jerusalém, trocando suas promessas mútuas na presença dos sacerdotes reunidos para testemunhar o mais santo, o mais necessário e mais admirável contrato matrimonial jamais celebrado. As duas palavras de consentimento que a Santíssima Virgem pronunciou selaram esse contrato e, ao mesmo tempo, formaram um panegírico mais elevado do que aquele que os anjos e os homens reunidos poderiam ter dirigido ao nosso santo. Porque, com esse consentimento, ela tornou público que, de todos os homens, José era o único que merecia ser seu esposo; que ela o havia escolhido entre os outros com plena premeditação, empregando, ao fazer tal escolha, todas as virtudes e a luz sobrenatural de que sua alma dispunha, somadas a uma liberdade plena e total; mais ainda, que não fora movida a tal eleição senão pela grandeza dos méritos de José, não invejando a nenhuma de suas companheiras pelas grandiosas uniões a que poderiam estar destinadas, mas preferindo esse pobre artesão muito mais que todos os outros, quaisquer que fossem seus favorecimentos e dotes mundanos.

José então recebeu como dote um coração mais puro e mais perfeito que o dos anjos, um coração cheio de virtudes e dons sobrenaturais, um coração pleno de Deus. E com que plenitude Maria o concedeu! Não há dúvidas de que, dentre todas as esposas, a Virgem



gloriosa era aquela que podia doar-se com a mais absoluta inteireza, pois nunca houve alguém tão completamente dona de si e de suas faculdades como a Mãe de Deus. De todos os casamentos já realizados, o de José e Maria não foi apenas o mais santo e perfeito, como a união de seus corações foi a mais íntima dentre todos os casamentos que já existiram. Nossa Senhora Soberana, ao doar seu coração, uniu-o tão intimamente ao de José que juntos eles tiveram, por assim dizer, apenas um coração; e as virtudes e favores celestiais com que essas belas almas foram enriquecidas tornaram-se, de certa forma, comuns a ambos. Sobre Adão e Eva no Paraíso, Deus disse: os dois serão uma só carne (Gn 2,24); mas sobre José e Maria pode-se dizer, como Santo Ambrósio: "eram um só espírito". Desde o momento de sua união, as almas de José e Maria passaram a compartilhar da mesma via celestial e divina. O Santo Evangelho parece favorecer essa ideia falando sempre de José e Maria com a mesma honra e como entretidos nas mesmas ocupações. Um anjo revela a um e a outro o nome de Jesus; ambos têm a felicidade de ser os primeiros a adorar o Salvador, ajoelhando-se ao lado de Seu berço; juntos apresentam seu Filho no altar, quarenta dias após o nascimento; juntos recebem a bênção de Simeão. Jesus serviu igualmente Seu pai e Sua mãe; e, para finalizar, Deus, que havia nomeado um dos mais elevados anjos como Seu embaixador junto a Maria, empregou esse mesmo príncipe sublime do Céu para declarar a José o mistério da Encarnação. Entre toda aquela multidão de espíritos bem-aventurados que cercam o trono do Altíssimo, somente Gabriel recebeu a missão de tratar com José e com Maria.

Transcorreu certo período de tempo entre o noivado e o casamento de Maria e José, segundo o costume do povo hebreu. Supõe-se que no caso deles tal período tenha durado cerca de dois meses, tendo sido as promessas mútuas trocadas em novembro e o casamento celebrado provavelmente no dia 23 de janeiro, data em que hoje a Igreja celebra a Festa dos Esposais de Nossa Senhora e São José.

As núpcias de Maria e José foram celebradas solenemente no Templo e, após receber a bênção sacerdotal, os recém-casados foram caminhando em procissão enquanto, com música e regozijo, sob o agitar de murtas e ramos de palmeira, eram acompanhados por seus parentes e amigos em direção ao seu lar, àquela mesma casa que Joaquim e Ana ocuparam próximo à Piscina Probática. Talvez tenham jogado alguns desses ramos sob os pés da Santíssima Virgem e de seu esposo, uma vez que este era um costume judaico com o intuito de demonstrar honra. Maria teria então sua única ocasião de pompa e circunstância sobre a Terra, assim como seu Divino Filho em Sua descida do Monte das Oliveiras no caminho para a Paixão, indo desposar a Igreja na Cruz do Calvário. Os amigos do noivo e da noiva, ao chegarem, participaram da festa de casamento que lhes fora preparada, prática esta que vemos nas bodas de Caná da Galileia, onde a Mãe de Jesus esteve presente e para a qual foram convidados Nosso Senhor e Seus discípulos, ocasião em que os honrou com Sua presença e primeiro milagre público.

Depois da festa, e à medida que o sol se punha, os convidados partiram, deixando o casal sozinho com Deus e com seus bons anjos, os quais, segundo podemos crer piedosa



mente, eram agora convocados a testemunhar a troca íntima daquelas palavras que revelaram os votos então ocultos.

Porém, temos motivo de sobra para nos persuadir de que o Espírito Santo já os havia certificado interiormente da existência desses votos. Foi nesse momento que, segundo a opinião dos Padres e Doutores, Maria e José permanecendo unidos pelo contrato e vínculo do matrimônio, renovaram de forma solene e absoluta seus respectivos votos de virgindade perpétua. E assim, enquanto continuavam, em face da lei, e de fato, marido e mulher, ambos viveriam juntos como irmão e irmã, inocentes e imaculados, à maneira dos anjos de Deus no Céu. Eles poderiam ser comparados a uma rosa e um lírio crescendo juntos em um vaso. Foi de fato um casamento incomparável, que uniu tudo o que há de doce e puro nos dois estados; por isso o devoto servo de Maria e José, Jean Gerson, falando perante o Concílio de Constança acerca desse puríssimo casamento, expressou o seu êxtase ao contemplá-lo, ao exclamar que neles a própria virgindade se desposou a si mesma. Não havia nada neste casamento que não fosse celestial, nada que tivesse sabor terreno. Os santos doutores (como já observamos) interpretaram o “livro selado”, de que falou o profeta Isaías (cf. Is 29,11) e que deveria ser entregue a quem é instruído, como sendo a Santíssima Virgem — a qual também é chamada de jardim fechado (...), fonte selada (Ct 4,12), pois os pés de nenhum homem devem adentrar o primeiro, ou mãos profanas invadirem as águas da segunda — e por isso foi a José que este livro foi entregue. E quando foi entregue? Sem dúvida foi no dia solene de seu casamento com Maria que José recebeu este livro místico sob sua guarda. O livro era o símbolo da virgindade de Maria, e foi dado ao castíssimo santo para que pudesse guardá-lo em suas mãos virginais. E José, sabendo antes do casamento que a Santíssima Virgem havia consagrado sua virgindade a Deus, compreendeu o mistério do livro selado, e o recebeu sob sua custódia apenas com o fim de respeitá-lo e guardá-lo. ✨

Ouçamos São Francisco de Sales sobre a virgindade de José:

Em que tal grau podemos imaginar que José possuía a virgindade sagrada, virtude que nos assemelha aos anjo: se a Santíssima Virgem foi não apenas a Virgem mais perfeitamente pura e imaculada, mas, como canta a Igreja, a própria virgindade em si, Sancta et Immaculata Virginitas! Quão elevado nesta virtude deve ter sido aquele a quem o Pai Eterno escolheu como guardião de sua virgindade, ou melhor dizendo, como seu companheiro; quão grandioso repito, deve ter sido nesta virtude! Ambos haviam feito voto de preservar a virgindade durante toda a vida, e eis que a vontade de Deus é que eles sejam unidos na aliança de um casamento sagrado, não para desrespeitarem seus votos ou deles se arrependem, mas para confirmá-los nesta união, e para que pudessem ser um apoio mútuo na realização de seu sagrado empreendimento. Por esta razão, eles agora renovavam seu voto de viverem juntos como virgens, pelo resto de suas vidas. ✨



Pai adotivo do Filho de Deus



Quando já estava próximo do nascimento do Menino Jesus, um mensageiro veio pelas ruas de Nazaré para anunciar que Augusto, o imperador, havia solicitado um novo recenseamento da população. Cada um precisaria registrar-se na terra natal da própria família, onde encontravam-se os registros de seus antepassados. José e Maria teriam de ir a Belém. A viagem deve ter sido incômoda: durante quatro ou cinco dias, percorrendo cerca de 120 quilômetros, o casal teve de enfrentar um inverno penoso. E mesmo em Belém as coisas não devem ter sido tão fáceis: a cidade certamente estava repleta de estrangeiros, e todos conhecemos a dificuldade que José teve ao procurar abrigo para sua esposa grávida: "Não havia lugar para eles na hospedaria", diz-nos o Evangelho de São Lucas.

José, então, encontrou pousada numa grutinha que servia de estábulo para animais e também, provavelmente, de morada temporária para mendigos. Não havia outra possibilidade. Seria ali, num local escuro, úmido e miserável, numa pequena cama de palha, que viria ao mundo o Salvador. Só podemos imaginar a grandiosidade desse nascimento. Com que alegria José não teria tomado o Menino das mãos de sua puríssima esposa? Se Eva tinha dado a maçã a Adão, agora Maria dava ao esposo o fruto de seu ventre. Só José foi testemunha desse momento incomparável. Como não deveria palpitar seu coração ao se ajoelhar diante daquele bebê semelhante a todos os outros, mas no qual se ocultava o próprio Deus? E que mistério não deve lhe ter invadido o coração quando, meses depois, chegaram os Magos para adorar o Menino? Mas a vida de José foi sempre uma vida de submissão a Deus. Ao saber que havia nascido um Menino-Rei, o rei Herodes se sentiu ameaçado e mandou matar todos os meninos com menos de dois anos de idade. Para preservar Jesus, mais uma vez o anjo aparece a José e lhe diz: "Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o procurar Egito; fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai matar o menino para o matar" (Mateus 2, 13).

No Egito, a vida da Sagrada Família certamente foi difícil. Como São José haveria de trabalhar? Que tipos de trabalho executaria? Ali, não fosse a confiança em Deus, eles teriam se sentido isolados e desamparados. Não se sabe quanto tempo os três permaneceram em terras egípcias. Tudo o que as Escrituras nos dizem é que, uma vez morto Herodes,



José soube pelo anjo que deveria retornar a Israel. Então, uma vez em Nazaré, têm início os chamados “anos ocultos” que precederam a missão pública de Jesus.

Durante esse período, Cristo teve com São José a relação que teria com o próprio Deus: Ele o obedeceria em tudo. “Era-lhes submisso”, diz-nos a Bíblia. O chefe da família orientava seus passos, ensinava-lhe o ofício de carpinteiro, instruía-lhe nas orações... A humildade do Senhor em submeter-se a José só revela a enorme dignidade de seu pai na Terra. Podemos imaginar Jesus crescido, convivendo dia após dia com José em meio às toras de madeira, aos instrumentos de trabalho. Podemos ver as crianças da vizinhança visitando sua oficina e brincando com o pequeno Deus. Podemos ver o Menino atento aos movimentos do pai adotivo, aprendendo as sutilezas do ofício. Podemos ver, ainda, o orgulho nos olhos de José ao ver que aquele garotinho ia crescendo e, logo, lá trabalhava melhor do que ele. A tradição sugere que São José já tinha morrido quando começou a missão pública de Jesus. Mas quantas coisas ele não terá visto na intimidade daquela casa em Nazaré? Com exceção de Maria, quem teve mais intimidade com o Senhor? Com Cristo, José partilhou a mesa, as orações, o trabalho, o lar... ✨

Um exemplo de **T**rabalhador

No oriente, era costume que as casas tivessem forma quadrada. A quem contemplasse o horizonte de Nazaré, elas se ergueriam de maneira humilde, revestidas de pedra e pintadas de branco. Já no térreo, alguns quartos abrigavam seus habitantes. Num pátio externo, onde se encontrava o forno, uma escada com poucos degraus conduzia a um pequeno terraço.

A casa da Sagrada Família deve ter seguido esse modelo tão comum. Ali perto, como era costume, provavelmente se encontrava a oficina de José, na qual ele praticava a profissão que havia, escolhido aos doze anos, quando enfim se tornara “filho da Lei” e se obrigara a observar as obrigações legais e rituais da tradição de Moisés.

As Escrituras — de modo particular, São Mateus e São Marcos — designam a profissão de São José com um termo que poderia haver “artesão” ou “operário”, mas a tradição registrou que o esposo de Maria trabalhava com madeira. Portanto era carpinteiro, homem de mãos calejadas, tímpanos marcados pelo som de marteladas, de serras, de lixas, das plainas, do cordel... Como seus colegas de profissão, José devia trazer, atrás da orelha, uma pequena apra de madeira. Trabalhar com as mãos era, para os judeus, uma forma de receber bênçãos divinas. Poderia haver artesão mais abençoado do que José?



No entanto, naquela aldeiazinha humilde em que morava, seria impossível se especializar. Muito provavelmente, José precisaria também mexer com ferro e com lenha. Seria, portanto, uma espécie de “faz-tudo”, fabricando móveis, consertando instrumentos, manejando pequenas construções e retificando os utensílios do dia a dia de tanta gente. Seria essa, também, a profissão de Jesus, que, ao lado de José, começaria a assumir uma parte dura da condição humana: precisaria suar, ferir os ouvidos com os ruídos, calejar as mãos... em suma, ganhar com grande esforço e dificuldade o pão de cada dia, como nós.

Homem manso, José conhecia sua profissão como ninguém. Trabalhar e rezar se convertiam, nele, numa coisa só. Era entre as tábuas que ele encontrava Deus. Com que carinho esse homem não deveria trabalhar? E que reputação não conquistava ao tratar bem seus clientes, ao esmerar-se em cada detalhe, ao ser honesto no preço e ao cumprir pontualmente seus prazos? ✨



A morte de São José

Como em todos os aspectos de sua vida, também não é possível conhecer bem as circunstâncias da morte de São José. A partir da Bíblia, pode-se concluir que o pai adotivo de Jesus faleceu antes ou no início da vida pública do Messias: não o encontramos no famoso episódio das bodas de Caná, por exemplo, nem aos pés da Cruz, ao lado de Maria e São João.

O que podemos imaginar sobre sua morte? Se ele tinha idade próxima à da Virgem e faleceu antes da vida pública de Cristo, deve ter morrido com menos de sessenta anos — ou seja: não foi urna morte por velhice. Teria adoecido? Teria passado para a eternidade em circunstâncias extraordinárias? Só podemos dar palpites. De todo modo, sua vida inteira



foi dedicada ao cumprimento da vontade de Deus, sobretudo após o anúncio de que seria o pai adotivo do Menino Jesus. Nada mais justo e humilde, portanto, que se retirasse assim que Cristo deixasse de necessitar de um guardião. Cristo deveria brilhar sozinho. Por isso, até a morte de São José é, para nós, um exemplo de humildade.

Portanto, São José não pode presenciar os milagres que Cristo faria no meio do povo. Mas haveria necessidade? Em seu leito de morte, de quantas coisas aquele homem não se lembraria? Quantas graças não daria a Deus por tudo o que Ele havia lhe proporcionado, pela responsabilidade de ter sob seus cuidados o próprio Salvador? Ele havia ensinado Cristo a andar, a trabalhar... Que emoção não sentiria ao refletir sobre tudo o que tinha visto ao lado da Virgem Maria?



E foi precisamente na companhia de Jesus e Maria que José entregou sua vida a Deus pela última vez. O Messias e a Virgem fecharam seus olhos, lavaram seu corpo e perfumaram aquele que, dia após dia, havia lhes dedicado toda a vida. Se Jesus choraria a morte de seu primo Lázaro, quantas lágrimas não derramou ao ver ali, morto, aquele que havia sido seu pai na Terra?

Como era de costume, depois do sepultamento, Jesus e Maria devem ter passado oito dias com as portas de seu lar abertas a quem quisesse lhes manifestar condolências. Podemos imaginar quantos elogios a José não foram ali ouvidos, quantos agradecimentos... Com que gratidão o próprio Deus não pensou em José naquela ocasião? E quantas coisas boas a seu respeito não saíram da boca da própria Mãe de Jesus? ✨

Até a morte de São José é para nós um exemplo de humildade.



7

Dores & Alegrias de São José

José nota a gravidez de Maria e teme ter de abandoná-la. Um anjo, porém, aparece-lhe em sonho e lhe diz que a Virgem havia concebido do Espírito Santo. (Mt 1, 18-21)

1



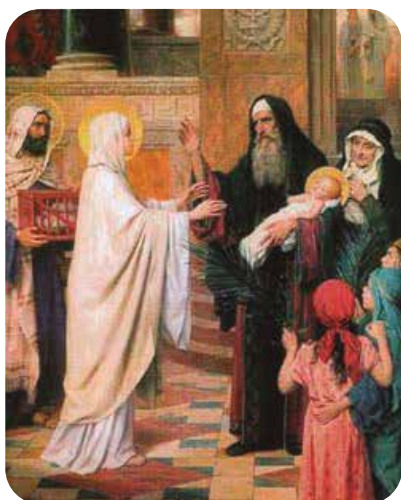
2

José não encontra hospedagem em Belém e vê Cristo nascer na pobreza de uma manjedoura. Sua dor se converte em alegria tão logo contempla o Menino Jesus e os louvores que a Ele são dedicados. (Lc 2, 4-14)

José precisa circuncidar com as próprias mãos o Menino, de acordo com a tradição judaica. No entanto, enche-o de felicidade colocá-lo o nome de Jesus, como o anjo de Deus havia pedido. (Lc 2, 21)

3





4

Simeão profetiza que Jesus e Maria sofriram no futuro. Ao mesmo tempo, o profeta anuncia que Cristo será causa de salvação para muitos. (Lc 2, 27-35)

José precisa fugir para o Egito com o Menino Jesus e Maria, sua esposa. Sua dor se torna alegria quando descobre que Herodes, perseguidor de Cristo, havia falecido. (Mt 2, 13-15)

5



6

Ao partir para Israel, José descobre que o filho de Herodes reinava na região e fica com medo. Ao mesmo tempo, é tomado de alegria ao se estabelecer em Nazaré com a Virgem Maria e o Menino Jesus. (Mt 2, 21-23)

José perde Jesus no templo, mas O encontra três dias depois entre os doutores da lei. (Lc 2, 41-46) ★

7





Devoções a São José

CORDÃO DE SÃO JOSÉ

A origem do uso do Cordão de São José deve-se ao testemunho da irmã Isabel Sillevorts que vivia em um convento Agostiniano na cidade de Anvers na Bélgica.

Conta-se que esta irmã foi diagnosticada com pedras nos rins sem que os recursos da medicina em uso na época pudessem curá-la. Devota de São José, a religiosa, animada da mais firme confiança no Patrocínio do Glorioso São José, teve a ideia de pedir a um sacerdote que benzesse um cordão, com o qual cingiu a sua cintura, em homenagem ao grande Patriarca e iniciou, com todo o fervor, uma Novena de súplica ao esposo puríssimo da Virgem Maria, Mãe de Deus.

Alguns dias depois, mais precisamente em 10 de junho de 1649, quando, entre fortes dores, fazia ao santo as mais ardentes súplicas, irmã Isabel se vê livre de um cálculo de dimensões muito grandes, ficando, assim, completamente curada. A repercussão do milagre foi muito grande e rápida, fazendo com que aumentasse, nos habitantes de Anvers, a devoção a São José, que já não era pequena.

O uso do Cordão de São José foi crescendo cada vez mais e, hoje, ele não é só procurado para alívio das enfermidades corporais, mas, também, e com igual sucesso, para os perigos da alma.

O Cordão de São José, desde que esteja bento, pode ser usado das seguintes formas: usá-lo cingido à cintura sob a roupa (o cordão maior), no pulso (o cordão menor) ou tê-lo bem guardado para ser usado por ocasião de dores e sofrimentos físicos, aplicando-o com fé na parte enferma do corpo e rezando, então, diariamente sete vezes o Glória ao Pai em honra das sete dores e das sete alegrias de São José, conforme representado pelos setes nós do cordão. Pode, também, ser usado no carro, nos livros escolares, na carteira de documentos, na carteira de motorista, no travesseiro etc. Assim como, ser colocado na cabeceira do doente e no pulso.

O Cordão de São José pode e deve ser usado pelas gestantes que o levarão cingido à cintura, protegendo-as do perigo de aborto, nos partos difíceis etc, como comprovam centenas de fatos.

As pessoas que usam habitualmente o Cordão de São José obtêm a graça da boa morte. São José, tendo falecido ao lado de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, é padroeiro da boa morte, e obtém essa graça para todos os que têm devoção por ele.



A principal graça associada ao uso do Cordão de São José é a de conservar a castidade, sendo uma arma muito eficaz contra o demônio da impureza. Além disso, os devotos de São José recebem por sua intercessão outras muitas graças para o corpo e para a alma, tais como proteção especial de São José, pureza da alma, perseverança final e assistência particular na hora da morte.

Devido à sua comprovada eficácia contra os males corporais, espirituais e morais, a Santa Igreja, ao longo dos séculos, autorizou a devoção do Cordão de São José.

MANTO DE SÃO JOSÉ

Uma das devoções a São José é chamada de “Novena do Manto Sagrado de São José”. Trata-se de uma série de orações feitas por 30 dias consecutivos, em memória aos 30 anos que alguns acreditam que São José viveu como pai adotivo de Jesus.

A novena se baseia, em parte, na crença de que existe um manto real de São José guardado em uma igreja em Roma. O livro do século 19, *The Life and Glories of St. Joseph* (“A Vida e as Glórias de São José”), apresenta uma breve história desse manto:

“De São José, nenhuma relíquia real existia, apenas algumas partes de suas vestes santificadas pelo contato com seu corpo santo e agora, como acreditamos, glorificado. Roma possui uma relíquia esplêndida do pálio ou manto do santo... Essa preciosa relíquia foi guardada na antiga igreja colegiada de Santa Anastácia, construída por volta do ano 300 por Apolônia, uma nobre matrona romana para ali depositar o corpo de Santa Anastácia, Virgem e Mártir. Acredita-se que São Jerônimo, quando chamado a Roma por São Dâmaso para os assuntos de seu pontificado, celebrou a Missa durante os três anos de sua residência no altar onde a relíquia está preservada. O cálice de que ele fez uso ainda é exibido”.

Mas será que, de fato, o manto é uma relíquia autêntica que de alguma forma foi trazida da Terra Santa? Infelizmente, existem poucas evidências para apoiar a afirmação. No entanto, existiu, sim um manto que São José usou para proteger o Menino Jesus do tempo frio. Com isso em mente, podemos despertar nossa imaginação e promover um maior apreço e veneração por São José, invocando sua proteção em nossas próprias vidas.

SÃO JOSÉ DORMINDO

“José dorme, é verdade, mas está simultaneamente disposto a ouvir a voz do anjo (Mt 2,13ss). Parece depreender-se da cena o que o Cântico dos Cânticos tinha proclamado: eu dormia, mas o meu coração estava vigilante (Ct 5,2). Os sentidos exteriores repousam, mas o fundo da alma pode ser tocado. Nessa tenda aberta temos a representação do homem que, desde o mais profundo do seu ser, pode ouvir o que vibra no seu interior ou lhe



é dito desde as alturas, do homem cujo coração está suficientemente aberto para receber aquilo que o Deus vivo e o seu anjo lhe querem comunicar”.

“Esse José que dorme, mas que ao mesmo tempo está preparado para ouvir o que ecoe no seu íntimo e desde o alto (...) é o homem em que se unem o recolhimento íntimo e a prontidão”.

“(...) Esse José que vemos pronto para se levantar e, como diz o Evangelho, cumprir a vontade de Deus (Mt 1,24; 2,14). Assim toma contato com o núcleo da vida de Maria, a resposta que ela ia dar no momento decisivo da sua existência: Eis aqui a serva do Senhor (Lc 1,38). São José reage assim: Aqui tens o teu servo! Dispõe de mim! A sua resposta coincide com a de Isaías no momento de receber o chamamento: Eis-me aqui, Senhor. Envia-me (Is 6,8, juntamente com 1 Sam 3,8ss). Esse chamamento preencherá toda a sua vida daqui em diante. Mas também há outro texto da Escritura que vem a propósito: o anúncio que Jesus faz a Pedro quando lhe diz: Levar-te-ão onde tu não queiras ir (Jo 21,10). José, com a sua celeridade, tomou-o como regra da sua vida: porque está preparado para se deixar conduzir, embora a direção não seja a que ele quer. Toda a sua vida é uma história desta correspondência”.

DIAS DEDICADOS A SÃO JOSÉ

“A primeira festa de São José era celebrada, a princípio, somente na Igreja Grega, e estava fixada em 20 de julho. O Papa Sisto IV, em (1471-1484), incluiu-a no Breviário e no Missal, 19 de março. Julga-se ter sido este o dia da morte de São José”.

“No culto público dos Santos, além das Missas, existem as práticas de devoção que a Igreja institui ou aprova para invocá-los em nossas necessidades. Ora, a respeito de São José, a Igreja fez o que já fizera para com a Virgem Santíssima. A Maria foi dedicado o dia de sábado e o mês de maio, por isso chamados dia e mês de Maria. Também a São José se dedicaram a quarta-feira e o mês de março, que se chamam dia e mês de São José. Desde o século XVII os fiéis costumam dedicar a São José as quartas-feiras. Essa prática nasceu num convento beneditino de Châlons e espalhou-se rapidamente pelo mundo todo católico”.

7 DOMINGOS EM HONRA A SÃO JOSÉ

Seguindo uma antiga tradição, a Igreja dedica os sete domingos anteriores à festa de São José, celebrada no dia 19 de março, para recordar as principais dores e gozos da sua vida. Esta devoção, no entanto, pode ser praticada em qualquer época do ano.

Como incentivo a esta prática de piedade, reproduzimos aqui o pensamento que Santa Teresa d'Ávila, grande doutora da Igreja, expressou certa vez em relação a São José:



“Não me lembro de até hoje lhe ter pedido alguma coisa que não ma tenha concedido, nem posso pensar sem admiração nas graças que Deus me tem concedido por sua intercessão e nos perigos de que me tem livrado, tanto para a alma como para o corpo. Parece-me que Deus concede aos outros santos a graça de nos auxiliar nesta ou naquela necessidade, mas sei por experiência que São José nos socorre em todas, como se Nosso Senhor quisesse fazer-nos compreender que, assim como Ele lhe era submisso na terra, porque estava no lugar de pai e como tal era chamado, também no céu não pode recusar-lhe nada”.

ANO DEDICADO A SÃO JOSÉ E INDUGÊNCIAS

DECRETO

Concedem-se especiais indulgências por ocasião do Ano Jubilar em honra de São José, instituído pelo Sumo Pontífice Francisco, a fim de celebrar-se dignamente o 150º aniversário da declaração de São José como Patrono da Igreja Católica.

Comemora-se hoje o 150º aniversário do Decreto “Quemadmodum Deus”, pelo qual o bem-aventurado Papa Pio IX, movido pelas graves e ltuosas calamidades da época, em que a Igreja era atacada por inimigos, declarou São José Patrono da Igreja Católica.

A fim de perpetuar a confiança de toda a Igreja no singular patrocínio do Custódio do Menino Jesus, o Sumo Pontífice Francisco determinou celebrar, de hoje até o dia 8 de dezembro de 2021, no mesmo aniversário do mencionado Decreto e também no dia dedicado à Bem-aventurada Virgem Imaculada e esposa do castíssimo José, um Ano especial de São José, para que todos os fiéis cristãos, a exemplo dele, reforcem diariamente sua vida de fé, cumprindo plenamente a vontade de Deus.

Concede-se indulgência plenária, sob as condições de costume (a saber, confissão sacramental, comunhão eucarística e oração pelas intenções do Sumo Pontífice), aos fiéis que, completamente desapegados do pecado, participarem do Ano de São José nas circunstâncias e dos modos determinados por esta Penitenciaria Apostólica.

COMO RECEBER AS INDUGÊNCIAS:

1 todos os que, por ao menos meia hora, meditarem a Oração do Senhor ou, ao menos por um dia, participarem de um retiro espiritual que inclua uma meditação sobre São José.

2 os que, segundo o exemplo de São José, realizarem obras de misericórdia, quer corporais, quer espirituais, poderão também alcançar o dom da indulgência plenária.

3 A fim de que todas as famílias cristãs sintam-se urgidas a imitar o exemplo de íntima comunhão, amor e oração que a Santa Família viveu plenamente, concede-se indulgência plenária aos fiéis que recitarem o Sacratíssimo Rosário em família ou entre noivos.



4 poderá lucrar uma indulgência plenária todo aquele que, diariamente, sob o patrocínio de São José, oferecer o seu trabalho, e qualquer fiel que invocar a intercessão do Operário Nazareno para que todo aquele que buscar trabalho o encontre, e que seja mais digno o trabalho de todos.

5 aos fiéis que recitarem a Ladainha de São José (para a tradição latina), o hino a São José Akathistos, inteiro ou ao menos em cônica parte (para a tradição bizantina), ou outra oração a São José, peculiar das demais tradições litúrgicas, pela Igreja perseguida interna e externamente e para socorrer todos os cristãos, que padecem todo gênero de



TÍTULOS DE *São José* *

CHEFE DA SAGRADA FAMÍLIA

Jesus e Maria não apenas submeteram suas vontades à de José, pois ele era o chefe da Sagrada Família, mas também entregaram amorosamente seus corações a ele.

(São Pedro Julião Eymard)

Hoje, chamar um homem de "chefe" da família não é visto com bons olhos, mas Deus não está preocupado com o que é politicamente correto. Ele estabeleceu a família e designou que os pais fossem os chefes de suas famílias. Isso não significa que os homens sejam melhores do que as mulheres. A maior pessoa humana que já viveu não foi um homem, mas uma mulher, Maria, a Mãe de Deus (Jesus é uma pessoa divina). Tanto Jesus quanto Maria tinham grande alegria com a liderança de São José em sua casa. Por que muitas pessoas se ofendem com essa terminologia hoje em dia? Infelizmente, por casos de abuso emocional, físico ou sexual por parte de uma figura paterna. Esse tipo de abuso quebra o coração de Deus. No entanto, a crise na masculinidade pode ser corrigida se os homens começarem a imitar São José. Seu exemplo paternal mostra que força, autoridade e liderança devem estar a serviço dos outros.

Os MARIDOS E PAIS PRECISAM IMITAR SÃO JOSÉ. Famílias de todo o mundo experimentarão uma revolução de santidade se os maridos imitarem São José. Passagens importantes do Novo Testamento não serão mais vistas como ofensivas, mas vivificantes. (Ef 5,21-33)



GUARDA DAS VIRGENS

Pedi a São José que velasse por mim. Desde minha infância, minha devoção a ele se misturava com meu amor pela Santíssima Virgem. Todos os dias recitava a oração: “Glorioso São José, pai e protetor das virgens”. Parecia-me que estava bem protegida e completamente abrigada de todo perigo.

(Santa Teresa de Lisieux)

São José tem um amor especial por aqueles que se consagram a Deus por meio de votos religiosos. Ele ama a todos, é claro, mas há um lugar especial em seu coração para os que permanecem virgens. Tendo mantido a virgindade, ele conhece por experiência própria a intimidade que as almas virgens podem ter com Deus. São José viveu por trinta anos com as duas pessoas virgens mais admiráveis que agraciaram este mundo: Jesus e Maria. A virgindade é um tesouro que São José guarda e quer que outros conheçam.

LEMBRAI-VOS, SÃO JOSÉ! Muitas pessoas conhecem a oração Memorare dedicada à Virgem Maria. O que muitas não sabem é o Memorare a São José. É quase idêntica à versão mariana e diz o seguinte:

Lembrai-vos, ó castíssimo esposo da Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência e reclamado vosso socorro fosse por vós desamparado. Animado eu, pois, com igual confiança, a vós recorro, ó pai espiritual, e imploro a vossa proteção. Não rejeiteis as minhas súplicas, ó pai adotivo do Redentor, mas dignai-vos de as ouvir propiciamente e de me alcançar que rogo. Amém.

A comunidade religiosa de Santa Faustina, a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora Mãe da Misericórdia, recitam o Memorare a São José todos os dias. A própria Santa Faustina tinha uma enorme devoção a São José e pedia sua intercessão diariamente por sua vocação e missão. Ela escreveu:

São José encorajou-me a ter-lhe uma constante devoção. Ele próprio me disse para recitar três orações [o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória] e o Memorare [a São José] uma vez por dia. Olhou-me com grande bondade e deu-me a conhecer o quanto ele está sustentando essa obra [de misericórdia]. Prometeu-me essa ajuda especial e abrigo. Recito todos os dias as orações pedidas e sinto sua especial proteção.

SÃO JOSÉ O AJUDARÁ A SER UM GUARDA DA VIRGINDADE E DA PUREZA. Se você mantém uma relação diária de amor com São José, seus olhos, intenções, coração e relacionamentos podem ser agradáveis a Deus e livres de qualquer coisa que seja contrária à pureza. Se você caminha com São José, terá cada vez menos gosto em filmes obscenos e perversos. Tais “entretenimentos” serão repugnantes para sua alma. Músicas sujas, que rebaixam as mulheres e ofendem a Deus também não mais o agradarão. Isso não significa que você deva consumir apenas músicas ou filmes propriamente cristãos, mas que você distinguirá a luz das trevas.



Todos são tentados a pecar contra a pureza — uns mais que outros. Em São José, todos têm um guarda e protetor. Volte-se a ele em momentos de tentação e você crescerá em inocência e pureza. Peça frequentemente a sua intercessão para manter seu coração puro e casto.

Tomei como advogado e protetor o glorioso São José, a quem me recomendei com todo o fervor de meu coração, e por quem tenho a certeza visível de ser ajudada. Esse terno pai de minha alma, esse amável protetor, apressou-se em me arrebatando do estado deplorável em que meu corpo definhava à medida que me livrava de grandes perigos de outra natureza, os quais ameaçavam minha honra e minha salvação eterna. (Santa Teresa d'Ávila)

ESPERANÇA DOS DOENTES

Como ensina a liturgia da Igreja, ele [São José] "cooperou na plenitude dos tempos no grande mistério da salvação", e é verdadeiramente "ministro da salvação".

(Papa São João Paulo II)

Deus curou muitas pessoas por meio da intercessão de São José, como Santa Teresa d'Ávila. Ela dizia frequentemente às pessoas como esteve terrivelmente doente a ponto de considerar-se meio-morta e como, depois de rezar à São José, experimentou uma cura miraculosa.

Santa Teresa de Lisieux teria morrido na infância se não fosse a intercessão de São José. São Luís e Santa Zélia Martin, os pais de Teresa, eram-lhe muito devotos. Eles nomearam duas crianças em homenagem a São José, mas, infelizmente, ambas morreram no parto. Quando Zélia ficou novamente grávida, acreditava que a criança em seu ventre era um menino e planejou chamá-lo de José. Após o parto, no entanto, descobriu que o bebê era uma menina, e foi decidido que seu nome seria Teresa.

Logo após o seu nascimento, Teresa ficou doente com risco de morte. Ninguém sabia a causa dessa doença. Sua mãe, tendo já experimentado a morte de vários outros filhos, ficou muito triste, mas resignada à vontade de Deus. Temendo que Teresa fosse morrer, Zélia se ajoelhou diante de uma imagem de São José em seu quarto e pediu-lhe que curasse sua filha. Milagrosamente, Teresa foi curada! Sua mãe anotou um relato do que acontecera com sua Teresinha. Ela escreveu:

Subi ao meu quarto [Teresinha estava no térreo com uma ama de leite], ajoelhei-me



aos pés de São José e pedi-lhe a graça da cura para a pequena, enquanto me resignava à vontade de Deus. Não costumo chorar, mas estava chorando enquanto rezava. Não sabia se devia descer para o térreo. Por fim, decidi descer, e o que vi então? A bebê mamava vigorosamente. Ela não se soltou até uma da tarde. Regurgitou um pouco e reclinou-se novamente sobre sua ama de leite como se estivesse morta. Havia cinco de nós em torno dela, todos atordoados. Um dos criados chorava; senti meu sangue enregelar. Não havia sinais visíveis de que a bebê respirava. Não nos adiantava inclinar-se para tentar descobrir um sinal de vida porque não podíamos ver nada. Mas ela estava tão calma, tão tranquila, que agradei a Deus por ela ter morrido tão suavemente. Então, um quarto de hora se passou e minha Teresinha abriu seus olhos e começou a sorrir.

SÃO JOSÉ OFERECE ESPERANÇA EM MOMENTOS DE DOENÇA. Se você ou alguém que você conheça está doente, vá a São José. Jesus quer que você recorra ao seu pai espiritual e lhe peça ajuda e cura. Deus é quem decide se será dada a cura física ou não, mas não custa pedir, como fez Santa Zélia para sua Teresinha.

Se você ou um ente querido receber uma cura, não se esqueça de que vocês ainda sofrerão na vida. Santa Teresa foi curada enquanto criança, mas passou por muitas outras enfermidades na vida, e por fim sucumbiu à morte. Até mesmo Lázaro, a quem Jesus ressuscitou dentre os mortos, morreu novamente. Assim, independentemente de você ter experimentado uma cura física ou não, São José sempre oferece a esperança de uma vida livre de doenças no Céu. São José o ajudará a estar abandonado à Divina Providência.

Como São José, vivamos cada dia de acordo com as disposições da Providência, fazendo o que quer que Deus nos proponha. (São José Marelló)

PATRONO DOS MORIBUNDOS

O nome de José será nossa Proteção em todos os dias de nossas vidas, mas sobretudo no momento da morte.

(Beato Guilherme José Chaminade)

São José teve uma morte santa e feliz. Ele morreu olhando para Jesus e descansando nos braços de Maria. Poderia alguém ter uma morte tão grandiosa quanto essa? Deus designou José como o patrono dos moribundos porque quer que tenhamos uma boa e santa morte como a dele.

A morte é parte da vida, mas não é uma das mais fáceis. Partir e despedir da família e dos amigos não é fácil. Em muitos mosteiros, há placas em que se lê Memento mori ("Lembra-te de que morrerás"). Elas não são feitas para serem mórbidas, mas, antes, para servir como um lembrete de que nossas vidas na terra terão um fim e nós precisamos estar preparados para a morte.



Precisamos estar preparados para a morte porque Satanás sempre tenta levar uma alma ao desespero e ao afastamento de nosso amável Deus na hora da morte. Pergunte a qualquer sacerdote; ele lhe dirá que nesse momento acontece uma batalha dentro da alma. Por essa razão, precisamos da intercessão de nosso pai espiritual para no fortificar, proteger e encher-nos com a confiança no amor e na misericórdia de Deus.

Jesus lhe garantiu [a São José] o privilégio especial de salvaguardar os moribundos contra as ciladas de Lúcifer, assim como ele o salvou das tramas de Herodes". (Santo Afonso Maria de Ligório)



TERROR DOS DEMÔNIOS

Jesus, Maria e José seguiram seu caminho através de várias cidades no Egito, afugentando os demônios não apenas dos ídolos, mas de muitos corpos possuídos, e curando muitos que estavam séria e perigosamente doentes.

(Venerável Maria de Ágreda)

Os demônios temem Jesus e Maria. Você sabia que eles também temem São José? É verdade. Os demônios são absolutamente aterrorizados por São José. Isso acontece porque apenas ele é o esposo da Virgem Imaculada e o pai de Jesus Cristo. São José é a porta de entrada para Jesus e Maria. Tudo que o toca se torna uma relíquia. Ele salvou de Herodes o Salvador, passou décadas em adoração, exerceu autoridade paternal sobre Jesus e fez com que fosse possível a Jesus e Maria oferecer o sacrifício de cada um deles no Calvário. Os demônios têm motivos o suficiente para ter medo da pessoa de São José, tamanha é sua grandeza!

SÃO JOSÉ É UM MATADOR DE DRAGÕES! "Terror dos demônios" é o mais singular entre os títulos de São José. Trata-se de um título temível e imponente, o título de um guerreiro. O lírio que São José segura em sua mão é uma arma espiritual poderosa, uma espada de pureza. Ela tem o poder de perfurar dragões que cospem fogo (os demônios) e dominar toda forma de imundície e escuridão. O lírio que ele empunha é uma ameaça a todas as forças imundas de Satanás(...)

SÃO JOSÉ O PROTEGERÁ CONTRA SATANÁS E SEUS DEMÔNIOS. Satanás não é um mito; nem o são os espíritos malignos e demônios. O mundo considera que essas criaturas saíram de contos de fadas e lendas, mas elas são reais. Estamos em uma batalha



espiritual. Satanás e seus demônios estão logo atrás de você. São Pedro oferece a seguinte descrição do Diabo e das ameaças infernais que ele nos coloca:

“Sede sóbrios e vigiai, porque o demônio, vosso adversário anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar. Resisti-lhe, fortes na fé, sabendo que os vossos irmãos, espalhados pelo mundo, sofrem as mesmas coisas”. (1Pd 5, 8-9)

Para derrotar o Diabo, você precisa de Jesus, Maria e São José, e dos ensinamentos e sacramentos da Igreja Católica. Todo cristão precisa da verdadeira e poderosa paternidade espiritual de São José. Você é um filho de São José. Não importa se você tem seis anos ou sessenta.

*As virtudes de São José**





O perfeito amor

Nosso Senhor é a plena perfeição; à medida que vamos descobrindo alguns mistérios, naturalmente desejamos conhecer outros mistérios sobre Jesus, entretanto pela limitação humana nunca poderemos esgotar os mistérios divinos.

Cada vez mais a manifestação de amor de Jesus crescia em José. Quanto mais luz recebia, mais acendia seu amor e mais desenvolvia suas virtudes. À medida que ia penetrando no íntimo de Cristo, seu amor e seu conhecimento recebiam mais graças e se cumpria a promessa: Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele (Jo 14, 21).

São José experimentava uma intensa e insaciável sede de amar cada vez maior. Já não vivia para si mesmo, cada dia aumentava a unidade com o Sagrado Coração de Jesus.

São José estava unido à Santíssima Virgem, Maria respeitava muito José, contudo ambos viviam para servir o Menino Jesus, centro da vida de todos aqueles que buscam o Céu.

São José é o perfeito modelo de pureza, exemplo fiel de pai e esposo, obediência e labor. Devemos ter sempre em mira Jesus, unir a ele e nele permanecer. Jesus é luz e calor, o amor brota do seu coração como chama devoradora; muito infeliz é quem vivendo perto dele, não o reconhece e não o sente.

A profunda Adoração

Depois da Virgem Santíssima, São José foi o primeiro e mais perfeito adorador de Nosso Senhor. A adoração de José possuía mais virtudes que a adoração de todos os santos, tinha mais humildade que a de todos os eleitos, apresentava mais pureza que a dos anjos, continha mais amor que todas as criaturas.

O Verbo Encarnado era verdadeiramente glorificado pelas adorações de Maria e de José, que desta forma reparavam o desprezo e a indiferença da humanidade.

São José adorava o Verbo Encarnado em perfeita união com Maria Santíssima; pela graça divina o patriarca adorava o mistério de cada momento: Na Encarnação meditava o aniquilamento do Filho de Deus; em Belém meditava a pobreza; em Nazaré meditava o silêncio e a obediência; penetrava profundamente em cada mistério da vida de Menino Jesus, sacrificando, tudo por amor e pela glória do Pai Celeste.

São José adorava interiormente cada palavra de Jesus; o Espírito Santo abria-lhe o



o coração para que em tudo pudesse se unir e glorificar Deus-Pai. Desta forma a história de José foi uma vida de perfeita adoração a Jesus.

Devemos estar intimamente unidos com José, para que seguindo seu exemplo possamos adorar Nosso Senhor, principalmente na Eucaristia.

A verdadeira lealdade



Servir Jesus Cristo, o Verbo feito carne, foi a grande finalidade da vida de São José. A nobreza de sua linhagem e os dons recebidos de Deus foram concedidos para servir o Menino Jesus. São José assim compreendeu tudo e sempre foi fiel servidor de sua missão.

Nunca houve um só pensamento, palavra ou ação, que não fosse uma homenagem ao amor e à maior glória do Verbo Encarnado. Exemplo para o cristão que deseja realmente ser um bom adorador, um verdadeiro servo de Jesus Sacramentado.

Seramente devemos meditar quão longe estamos do modelo de São José! Quais os pensamentos que atrapalham; quais tentações que afastam; quais ocupações mundanas desviam. Ser inteiramente de Jesus, eis o exemplo de José.

Portanto, tudo o que separa da comunhão com a divina eucaristia deve ser posto de lado. Do fundo do coração devemos nos consagrar, sem reservas, ao serviço de Jesus Sacramentado, deste modo receberemos todas as graças.



A força do silêncio

São José foi grande na virtude do silêncio. Observou o silêncio fielmente, guardando o segredo sobre o mistério da Encarnação. Observou o silêncio com humildade. Que honra e glória seria revelar que era o pai e guardião do Messias tão esperado pelo povo hebreu.

Humildemente guarda o mistério, não deseja louvor ou admiração para si mesmo, deseja apenas a glória de Deus.

São José praticou o silêncio pacientemente nas provações, procurando consolo apenas em Nosso Senhor.

Cabe a cada cristão obedecer prontamente à vocação e aos dons recebidos que o Senhor envia, silenciosamente e sem estardalhaço, sabendo que tudo que recebe ou faz de bom é graça recebida. Acima de tudo, deve suportar com paciência as provas que sobrevierem, pensando no silêncio de Jesus, vítima de amor, que suporta as irreverências, despezos e ultrajes ao Santíssimo Sacramento.

Fé inabalável

Grande foi a fé de São José. Acreditou na palavra do Anjo, no mistério da Encarnação, quando perturbado pensava em abandonar Maria.

Também demonstrou fé inabalável em Belém, quando repellido por todos teve que aceitar um estábulo para o nascimento do Verbo feito carne. Depois outra prova de fé, obedece ao aviso do anjo e parte para o Egito prontamente, ficando ali até o momento de poder retornar à cidade de Nazaré, para recomeçar uma nova vida praticamente sem recursos.

Todas as provações somente fortaleceram a fé de José; não via apenas a parte física, sua fé ultrapassava este aspecto e atingia o mistério da divindade oculta.

Por isso mesmo, perfeita foi a adoração do seu espírito e do seu coração.

Imitando São José, devemos contemplar Jesus escondido no Santíssimo Sacramento, atravessando as nuvens e atingindo o sol de amor. Respeitar o véu mistério de amor será a mais bela homenagem da nossa fé; a razão e o coração devem guiar para a adoração eucarística.



Escondimento em Deus

Uma das maiores graças que Deus pode conceder a uma alma piedosa é a devoção a São José. É um presente do tesouro das graças de Nosso Senhor; quem deseja se elevar a um grau elevado de santidade deve buscar a intercessão de São José.

Somente a graça de Deus pode revelar as riquezas tão ocultas de José. Deus parece ter rodeado propositalmente José de silêncio, de solidão, de recolhimento, a fim de que somente almas sinceras possam encontrá-lo. Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos (Mt 11, 25).

Durante muitos anos, José conservou oculto o tesouro que guardava, não deixando transparecer por nenhuma ação extraordinária quem era realmente o Menino Jesus; exemplo de prudência e sabedoria admirável. José se concentra no silêncio, vive no mais completo recolhimento em Nazaré, em Belém e no Egito.

O amor requer solidão, assim como a vida espiritual. A sós com Jesus, São José não se rebelava com a situação política entre Israel e Roma, sabia que o reino que seu filho adotivo iria estabelecer seria um reino espiritual; a revolução seria a partir do coração de cada homem.

Para São José cada momento longe de Jesus era um verdadeiro sacrifício, entretanto sabia do valor do trabalho e do dever de sustentar a Sagrada Família.

Nós vivemos demasiadamente com os pensamentos terrenos, não compreendemos totalmente o recolhimento que São José vivia com Jesus e Maria.

Possuímos tanto quanto São José em Nazaré; Nosso Senhor permanece à disposição de cada um no Santíssimo Sacramento. Necessitamos como os discípulos de Emaús que os nossos pobres olhos vejam: Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram (Lc 24, 30-31).

São José é a melhor porta para penetrar no coração de Nosso Senhor; Jesus e Maria querem saldar a dívida de gratidão por tudo aquilo que José fez pela Sagrada Família. Entrando por esta porta, José nos conduzirá a Jesus Eucarístico.



A grandeza da humildade

A humildade é o fundamento da santidade, a medida das graças. Humilmente José reconhecia seu lugar na relação com Jesus e Maria, contudo ensinava e dava ordens, enfim era o verdadeiro chefe da Sagrada Família.

Com humildade contemplava o rebaixamento do Todo Poderoso que se fez homem e a submissão da Mãe de Deus.

A humildade deve ser a virtude predominante do verdadeiro adorador. Pelo exemplo de São José, o adorador deve se considerar indigno do serviço de Jesus. Deve honrar o aniquilamento de Jesus Eucarístico.

A regra máxima de humildade deve ser a mesma de José, que nunca apareceu quando o serviço de Jesus podia trazer-lhe alguma glória pessoal, ou então a de João Batista que respondia os que pretendiam glorificá-lo: Importa que ele cresça e que eu diminua (Jo 3, 30) A Jesus toda a honra e toda a glória, a nós o humilde serviço.



Nossa adoração nunca poderá se igualar com a adoração de São José, entretanto podemos nos unir com São José — e pelo seu exemplo — para aumentar o valor de nossa adoração. Podemos crer que São José teve a revelação do Calvário e que todos os seus sacrifícios foram oferecidos em união com a Cruz de Cristo. O amor que não sofre é amor de criança, o amor de José foi amor de compaixão.



REFERÊNCIAS

✧ THOMPSON, Edward Healy. Vida e Glórias de São José. Rio Grande do Sul: Minha Biblioteca Católica, 2021.

✧ GASNIER, Michel. José, o silencioso. São Paulo: Quadrante, 1995.

✧ REFFERÊNCIA: São José: o homem simples que aceitou a missão de ser pai do Filho de Deus. Petra Editora, 2016.

✧ COMSHALOM. Você conhece o cordão de São José? Disponível em: <https://comshalom.org/voce-conhece-o-cordao-de-sao-jose/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

✧ REFERÊNCIA: CALLOWAY, Donald H. Consagração a São José: As Glórias de Nosso Pai Espiritual. 1ª ed. Campinas:Ecclesiae, 2021.

✧ ERYMARD, São Pedro Julião. São José, guardião eucarístico. São Paulo: Ecclesiae, 2010.

ALETEIA. O que é o manto sagrado de São José. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2021/01/19/o-que-e-o-manto-sagrado-de-sao-jose/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

OPUS DEI. Quando São José dorme. Disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/article/quando-s-jose-dorme/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CLEOFAS. O culto a São José. Disponível em: <https://cleofas.com.br/o-culto-a-sao-jose/>. Acesso em: 21 nov. 2021.

PADRE PAULO RICARDO. Sete domingos em honra a São José. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/sete-domingos-em-honra-a-sao-jose>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PADRE PAULO RICARDO. Indulgências para o ano de São José. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/indulgencias-para-o-ano-de-sao-jose>. Acesso em: 20 nov. 2021.